



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**AS IMAGENS E OS ESPAÇOS POÉTICOS EM *MEMÓRIAS DO  
SUBSOLO*, DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI**

Nayara Cristiny de Oliveira\*  
Maria Aparecida Rodrigues (Orientadora)\*\*

O presente artigo propõe uma análise da obra “*Memórias do Subsolo*” de Fiódor Dostoiévski. A proposta visa identificar a presença da imaginação e da memória na constituição de nossa obra *corpus*. Num primeiro momento, nos deteremos à análise da imaginação poética pelo conceito de “*Poesis*” verificaremos o potencial da imaginação na transformação do real, em uma experiência virtual no sentido dado por Susanne Langer (1980). Onde podemos observar que as conotações do real são fruto dos elementos paródicos, das expressões e alusões ao universo literário contemporâneo contido na obra. Através da análise fenomenológica de Bachelard (2000), acerca das configurações dos espaços identificados na obra, faremos a leitura pela topoanálise, com base na teoria apresentada em “*A Poética do Espaço*”.

---

\* Discente da Licenciatura em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. A aluna é bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, participante do projeto: Mnemosine e Imaginário Poético: da Poesia Lírica e dos Gêneros Confessionais, no Núcleo de Estudos da Linguagem (NEL) do Departamento de Letras da PUC-GO. E-mail: oliveira.nyxh\_historia@hotmail.com.

\*\* Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004) e Pós-Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2013). Atualmente é professor adjunto da Universidade Católica de Goiás. Leciona na Graduação e no Mestrado em Letras: Literatura e Crítica Literária. É coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Linguagem, líder do Grupo de Estudos Literários no CNPq. Coordenada pesquisas e tem experiência na área de Teoria Literária, Literatura e Língua Portuguesa.

## BREVE RESUMO A OBRA

*Memórias do Subsolo* é uma obra de Fiódor Dostoiévski, publicada em 1864. Na obra o narrador-personagem anônimo realiza por meio de suas memórias, seu ato confessional. A novela está dividida em duas partes, na primeira intitulada “*O Subsolo*” o homem do subsolo apresenta seus ferozes e sarcásticos posicionamentos acerca da sociedade de seu tempo. A segunda parte intitulada “*A Propósito da Neve Molhada*” demonstra mais concisamente um ato confessional das lembranças desse anônimo personagem. Analisaremos os elementos poéticos em *Memórias do Subsolo*, em especial a primeira parte da narrativa, alude à condição da sociedade do século XIX, em especial à Russa e a dimensão com a qual essa sociedade relaciona-se filosoficamente, psicologicamente e moralmente.

### PARÓDIAS, IMAGENS E METÁFORAS: OS ECOS DO SUBSOLO

Em “*Sentimento e Forma*”, Susanne Langer abordará a natureza da filosofia da arte do qual nos deteremos nas considerações acerca da arte literária e em especial do conceito de “*Memória Virtual*” do qual observamos a transformação do real em algo puramente experiencial através dos elementos poéticos da obra “*Memória do Subsolo*”. A arte poética é para Langer (1980) o desenvolvimento de uma vida virtual cujos eventos poéticos são criados a partir da semelhança dos eventos reais e podem ou não ser orientados por estes para transmitir as mesmas percepções.

A experiência virtual criada a partir daquelas impressões misturadas de modo muito hábil é uma visão plena e clara de tiranias sociais, com todos os tons os subtons de horror pessoal, relutância, semi-enganos, e um fundo emocional para manter unidos os variados itens em uma única ilusão de vida, como um esquema de cores unifica todas as figuras de uma pintura variegada dentro da esfera de seu espaço virtual. (LANGER,1980,p.222)

Em *Memórias do Subsolo*, em especial a primeira parte da narrativa, alude à condição da sociedade do século XIX, em especial à Russa e a dimensão com a qual essa sociedade relaciona-se filosoficamente, psicologicamente e moralmente. O anônimo narrador descreve sua percepção da sociedade, que segundo o qual, demonstra seu aprisionamento no cientificismo, no positivismo, nas doutrinas éticas e filosóficas predominantes neste século.

O homem do subterrâneo deve existir como tipo porque é o produto inevitável desse modo de formação cultural; e de fato seu caráter corporifica e reflete duas fases dessa evolução histórica. Em resumo, é concebido como uma persona parodística, cuja vida exemplifica os impasses tragicômicos que resultam dos efeitos dessas influências sobre a psique nacional russa. (FRANK, 2013,p.433)

Compreendemos que a narrativa, mesmo ficcional, representa os testemunhos e os vestígios de uma determinada época. Refletida na narrativa a sociedade russa e os paradoxos culturais que a moldavam nesse instante ecoam na representação que é o *subsolo* e nas reminiscências do anônimo personagem. As doutrinas representadas pelas “Leis da Natureza” fazem o anônimo personagem tecer as duras críticas à sociedade de seu tempo que compõem em especial a primeira parte de suas confissões na obra. A profundidade com o qual o texto aborda a sociedade de seu tempo se dá por meio do diálogo constante e referencial a várias obras do período, por meio das alusões zombeteiras aos pensadores radicais, idealistas e utópicos da intelectualidade russa, em especial a Tchernichevski<sup>1</sup> por meio de várias construções poéticas e em especial da imagem poética do Palácio de Cristal<sup>2</sup>.

Então sois vós que o dizeis ainda surgirão novas relações econômicas, plenamente acabadas e também calculadas com precisão matemática, de modo que desaparecerá num instante toda espécie de perguntas, precisamente porque haverá para elas toda espécie de respostas. Erguer-se-à então um Palácio de Cristal. Então...bem, em suma, há de chegar o Reino da Abundância. (DOSTOIEVSKI, 2000,p.38)

O “Palácio de Cristal” é em *Memórias do Subsolo* a imagem poética que simboliza todo o sentimento nutrido pelo narrador anônimo à condição do homem moderno. Se em Tchernichevski a imagem do “Palácio de Cristal” representa um símbolo utópico de plenitude, pois o homem não tem vontade própria e o mundo é regido pelas

<sup>1</sup> Nikolai Gavrilovitch Tchernichevski (1828-1889) fora um revolucionário russo da corrente utópica defensor do determinismo científico. Sua obra “Que Fazer?”(1863) de caráter fortemente panfletário é por diversas vezes mencionado na obra “Memórias do Subsolo” seja nas referências ao “Palácio de Cristal” ou no próprio comportamento do narrador-personagem frente a outros personagens da obra.

<sup>2</sup> O Palácio de Cristal foi um edifício de vidro e ferro fundido, construído em Londres em 1851 para abrigar uma importante exposição, fora adaptado posteriormente para abrigar um museu. A imagem poética do “Palácio de Cristal” desenvolvida por Fiódor Dostoiévski, visa demonstrar o caos no qual estavam submetidos a sociedade europeia, no qual diz respeito aos valores humanos, tal imagem já aparece em obra anterior as “Memórias do Subsolo” sendo desenvolvida na obra “Notas de Inverno sobre impressões de Verão”(1862)

*Leis da natureza*<sup>3</sup>, o anônimo narrador nega todas essas utopias e verticaliza no sentido da leitura da presença desses elementos no homem moderno. Por meio do desenvolvimento virtual que os elementos poéticos formam-se e tornam-se peculiares a obra no qual se desenvolvem. O processo de criação artística em *Memórias do Subsolo* que é simbolizado pela experiência vivenciada através da rememoração do anônimo personagem vai de encontro às reflexões filosóficas de Sussane Langer (1980) na medida em que observamos que é pela leitura dos elementos poéticos metafóricos contidos na obra, como no caso do “Palácio de Cristal”, que torna-se possível observar a transformação da experiência virtual através dos elementos do “real”.

O elemento metafórico representado pelo “Palácio” pode ser compreendido como posicionamento do anônimo personagem acerca da submissão do homem moderno ao determinismo científico, ou seja, da condição deste “homem do século XIX”, frente à subordinação das “Leis da Natureza” e a construção de ideais utópicos para a formação de uma sociedade arbitrada pela plena harmonia social. Toda essa condição reduz o homem a condição utópica de uma plenitude, regida por leis científicas, a crítica reside no sentido em que a vontade e as escolhas são neutralizadas nesse universo regido rigorosamente por leis cientificamente estabelecidas.

Mais ainda: então, dizeis, a própria ciência há de ensinar ao homem (embora isto seja, a meu ver, um luxo) que, na realidade, ele não tem vontade nem caprichos, e que nunca os teve, e que ele próprio não passa de tecla de piano ou de um pedal de órgão; e que, antes de mais nada, existem no mundo as leis da natureza, de modo que tudo o que ele faz não acontece por sua vontade, mas espontaneamente, de acordo com as leis da natureza. (DOSTOIEVSKI,2000,p.37)

A memória individual do anônimo personagem dar-se-á na forma de um relato pessoal carregado das percepções, impressões e sentimentos nutridos pelo anônimo personagem através do *subsolo*. Suas memórias são carregadas de impressões de sua relação com o seu cotidiano. O *subsolo* é fruto dessa sociedade. Na nota introdutória da obra notamos essa afirmação

Tanto o autor como o texto destas memórias são, naturalmente, imaginários. Todavia, pessoas como o seu autor não so podem, mas devem até existir em nossa sociedade, desde que consideremos as

<sup>3</sup> Durante a pesquisa, não foram encontradas referências a traduções em português da obra de Tchernichévski. Maiores referências a obra e aos elementos paródicos a mesma são encontrados em: “Notas do Subterrâneo” In: Frank, Joseph. Dostoiévski: Os Efeitos da Libertação 1860-1865. 1 – Ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

circunstancias em que, de um modo geral, ela se formou.[...] Trata-se de um dos representantes da geração que vive os seus dias derradeiros. (DOSTOIEVSKI, 2000 p.14)

Como nos indica Langer (1980) se as experiências reais servem de inspiração as artes, tal experiência deve, portanto, ser inteiramente transformada na experiência literária em si. Os elementos poéticos que compõe o desenvolvimento da vida virtual se dão para Langer através da memória, sendo a memória a condição capaz de avaliar a experiência e as percepções e transformá-la através da *poesis* na experiência virtual. A memória é composta por impressões pessoais selecionadas.

### **ESPAÇOS ÍNTIMOS: AS IMAGENS POÉTICAS DE MEMÓRIAS DO SUBSOLO**

Sob o enfoque da fenomenologia poética como nós propõe Gaston Bachelard em sua *Poética do Espaço*, analisaremos as imagens poéticas dos espaços identificados em nossa obra *corpus*. Em *Memórias do Subsolo* buscamos observar pelo viés fenomenológico o “subsolo” como uma imagem poética do “canto” bachelardiano. O canto representa uma imagem poética da intimidade, que pode ser fingida ou imaginária, o “subsolo” como canto configura-se como um espaço de intimidade do ser que rememora. No canto como nós indica Bachelard revela um lugar de intimidade, onde falamos a nós mesmos.

Então, do fundo de seu canto, o sonhador recorda todos os objetos de solidão, os objetos que são lembranças de solidão e que são traídos unicamente pelo esquecimento, abandonados num canto (BACHELARD, 2000,p.151).

O subsolo é um elemento poético que como imagem permite ao anônimo personagem, a rememoração das suas lembranças, que se dão num processo cuja dimensão é individual, o canto além de configurar-se como um espaço de reminiscências particular, também traz consigo a idéia de negação desse mundo exterior ao canto, logo se entendermos o subsolo na perspectiva bachelardiana, torna-se possível remeter esse processo de negação do mundo à metáfora representada pelo “Palácio de Cristal”.

Que apelo à humildade o sonhador ouviu em seu canto! O canto nega o Palácio, a poeira nega o mármore, os objetos desgastados negam o esplendor e o luxo. O sonhador em seu canto riscou o mundo num devaneio minucioso que destrói um a um todos os objetos do mundo. O canto torna-se um armário de lembranças. Tendo transporto os mil

pedaços umbrais da desordem das coisas na poeira, os objetos-lembranças põem em ordem o passado. (BACHELARD, 2000,p.151)

Quanto mais pessoal for o espaço rememorado mais carregado de percepções e afecções antigas, estas por sua vez se atualizam com o presente permitindo que se fundam com as percepções atuais. Se por intermédio da topoanálise<sup>4</sup> observaremos os lugares de intimidade e de abrigo do ser, temos o subsolo como um lugar de intimidade do anônimo narrador-personagem e é através desse espaço poético que suas reminiscências vão florescendo. O homem do subsolo desenvolve seu mundo de acordo com suas percepções. Nesse sentido o desenvolvimento de uma construção imagética, que é o subsolo torna-se carregadas de características da individualidade e das percepções e por vezes de exageros, como o próprio personagem afirma.

Está claro que eu mesmo inventei agora todas estas vossas palavras. Isto provém igualmente do subsolo. Passei ali quarenta anos seguidos, ouvindo por uma pequena fresta estas vossas palavras. Inventei-as eu mesmo, pois não podia inventar outra coisa. Não é para estranhar que se tenham gravado de cor e tomado forma literária... (DOSTOIEVSKI, 2000, p.52)

O subsolo é um canto que possibilita um processo de rememoração do passado, um refúgio onde o anônimo personagem tem por abrigo, um abrigo em que ele pode apropriar-se de seus pensamentos, um lugar dos devaneios onde é possível que este desfrute da solidão, afinal em toda a primeira parte da narrativa, o personagem encontra-se sozinho. No transcorrer da obra temos na segunda parte da narrativa, intitulada “A Propósito da Neve Molhada” a definição de outra imagem poética, do qual faremos a leitura topoanalítica, trata-se do *Inverno Poético*. De acordo com Bachelard “o inverno evocado é um reforço da felicidade de habitar. No reino da imaginação, o inverno relembrado aumenta o valor de habitação da casa.” (BACHELARD, 2000,p.57). A referência da neve ou do inverno observada na segunda parte da novela transmite-nos o valor de intimidade.

Agora está nevando, uma neve quase molhada, amarela, turva. Ontem nevou igualmente e dias atrás, também. Tenho a impressão de que foi justamente a propósito da neve molhada que me lembrei desse episódio que não quer agora me deixar em paz. Pois bem, aí vai uma novela. Sobre a neve molhada. (DOSTOIEVSKI,2000,p.54)

<sup>4</sup> Topoanálise: A topoanálise seria então o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima. (BACHELARD,2000, p. 28)

E propriamente na segunda parte da novela, que o anônimo personagem vai narrar suas recordações, são reminiscências mais antigas, datadas da juventude em que o anônimo personagem rememora sua relação com a coletividade, seus valores mais íntimos. Pois, “de todas as estações, o inverno é a mais velha. Envelhece lembranças. Remete a um passado longínquo, sob a neve, a casa é velha.” (Bachelard,2000,p.57). Tendo em vista o valor de intimidade evocado pelo inverno far-se-á a leitura introspectiva do anônimo narrador do subsolo nesse espaço poético. O relato retrospectivo que toma forma na segunda parte da narrativa faz com que o anônimo personagem exponha suas experiências vividas, sua esfera mais íntima.

Naquele tempo, eu tinha apenas vinte e quatro anos. Minha vida já era, mesmo então, desordenada e sombria até a selvageria. Não me dava com ninguém, evitava até conversar, e cada vez mais me encolhia em meu canto. (DOSTOIEVSKI,2000,p.55)

A neve evoca no anônimo narrador a necessidade da reflexão sobre si mesmo por meio dos relatos memorialísticos que vão fluindo. O “inverno poético” assume uma forma paradoxal, tal quais as reflexões do anônimo na segunda parte da novela, pois para Bachelard a menção da neve condiciona o ser a uma expressão e supressão do universo. O lugar do devaneio do anônimo narrador no inverno fortalece a dimensão íntima e na intimidade o anônimo personagem reflete sobre si.

O princípio construtivo da introspecção-confissão é a auto-objetivação, que se manifesta no ato de excluir o outro em si e no mundo de sua criação, e no qual apenas a relação pura de um eu consigo mesmo pode ser o fundamento organizador do discurso. (RODRIGUES, 2007, p.129)

A evocação do inverno é marcada, sobretudo, pela contradição, temos em “A Propósito da Neve Molhada” o personagem que intensifica o valor de intimidade do subsolo que nele rememora, que nele habita, que tem nesse espaço o abrigo de seu ser, o subsolo é o centro de devaneio, mas ao mesmo tempo é na segunda parte da narrativa que ocorrem os conflitos, ou o desejo dele, como a constante busca pelo confronto com o

oficial e é onde o personagem tem a necessidade de ir ao encontro dos demais, vivenciar a coletividade, apresentada na obra principalmente na Avenida Nevsky.<sup>5</sup>

Assim, a negação de uma razão de ser no mundo se transforma em necessidade literária de uma razão de ser da própria arte como um absoluto, ou seja, discurso-arte. O discurso introspectivo é construído, desse modo, pela confissão dirigida para fora da própria personalidade: a existência literária, a Deus-arte. Em suma, o exame introspectivo puro e solitário acontece na confiança no discurso literário como uma alternativa absoluta. (RODRIGUES, 2007, p.133)

A noção da consciência, da percepção e da relação do eu consigo mesmo no decorrer da novela revela o caráter introspectivo da rememoração. A relação de medo do julgamento do outro, expressa pelas “vozes que não são ouvidas”, na primeira parte pela introspecção-confissão do narrador não permite que os “senhores” tenham voz, por meio dos questionamentos retóricos do personagem frente aos demais na primeira parte. Na segunda parte o personagem tem uma atitude diferente, nessa parte há efetivamente o ato memorialístico e a posição excludente de negação do outro, o consecutivamente do seu julgamento. A contradição expressa pela relação do anônimo narrador com os demais é fruto da análise interior, da reflexão introspectiva o desejo de negação do outro é intencional.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Memórias do Subsolo* de Fiódor Dostoievski, como literatura do gênero confessional buscamos analisar as metáforas presentes no texto ficcional que se voltam ao conceito de “Memória Virtual” desenvolvido por Sussane Langer, do qual é possível o desenvolvimento de uma experiência ficcional, através das transformações do real criando, assim, uma vida virtual, onde acreditamos estar adequadas aos caracteres que configuram a obra e a seu personagem, a anônimo narrador do subsolo.

Concluimos que a escrita ficcional em *Memórias do Subsolo* revela em sua narrativa, sua historicidade, percebida através dos elementos presente no texto, do dialogo com o universo social que circundava a temporalidade da obra, seja por meio do ato paródico, seja pelas referências ao universo, político, ideológico e literário,

<sup>5</sup> Avenida Nevsky é a principal Avenida de São Petersburgo. Na obra “*Memórias do Subsolo*” ela é citada em diversos momentos na segunda parte da novela, apresentado os conflitos vivenciados pelo personagem.

contemporâneos àquele período. O subsolo é que compreendido com fruto da sociedade russa do século XIX, alvo da constante crítica do anônimo narrador do subsolo, de suas paródias, de suas alusões e do contexto do qual o enredo se desenvolve.

Transfiguramos as representações bachelardianas do universo poético e do imaginário no que refere as imagens poéticas que identificamos na obra, ao “subsolo” com um “canto” que alimenta e influencia o processo de rememoração de nosso anônimo personagem e a configuração do “inverno” bachelardiano que aplicada à segunda parte da obra, intitulada “A Propósito da Neve Molhada”, através da imagem poética, compreendemos o ato de rememoração do anônimo personagem também como um ato de introspecção-confissão.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: MartinsFontes, 2000.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Memórias do Subsolo*. Tradução, prefácio e notas de Boris Schnaiderman - São Paulo: Ed. 34, 2000.

FRANK, Joseph. *Dostoiévski: Os Efeitos da Libertação 1860-1865*. 1 – Ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

LANGER, Susanne K. *Sentimento e forma*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

RODRIGUES, Maria Aparecida. *O discurso autobiográfico confessional*. Goiânia: UCG, 2009

